

FOTOGRAFIA E PICHACÃO: MULTILETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Juliane Nogueira de Sá
Mestranda em Estudos Linguísticos (UFES)
Juliane2092@gmail.com

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o letramento e seus desdobramentos, como os multiletramentos. O objetivo é mostrar considerações sobre os dois termos e também propor um projeto, a ser desenvolvido na educação básica, sobre pichação. Esse projeto busca, junto com a fotografia, mostrar e desenvolver diferentes pontos de vista nos alunos sobre o tema. Nosso referencial teórico é composto por autores como Marcuschi (2008), Kleiman (1995), Street (2012), Tinoco (2013) e Custódio (2012), cujas considerações levamos em conta para desenvolvermos nosso trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: letramento, multiletramentos, pichação, fotografia.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on literacy and its consequences, such as the idea of multiliteracies. The goal is to show considerations on the two terms and also propose a project to be developed in basic education on graffiti. This project seeks, along with photography, to show and develop different views on students concerning the topic. Our theoretical framework consists of authors such as Marcuschi (2008), Kleiman (1995), Street (2012), Tinoco (2013) e Custódio (2012), whose considerations are taken into account in order to develop our work.

KEYWORDS: literacy, multiliteracies, graffiti, photography.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo letramento vem sendo utilizado constantemente por professores, estudantes, pesquisadores da área da educação etc., mas ainda assim muitas são as dúvidas acerca deste tema e de seus desdobramentos. Neste artigo buscaremos proporcionar ao leitor um breve resumo sobre os principais termos do letramento e também apresentar os desdobramentos desse tema, como os multiletramentos.

Para isso, acreditamos que é preciso, após discutirmos os principais aspectos do letramento, mostrar um exemplo prático de multiletramento. Ambos os termos serão apresentados e discutidos com o intuito de esclarecermos dúvidas que ainda existem e também proporcionar maior entendimento sobre os multiletramentos.

Marcuschi (2001) nos mostra uma definição do termo letramento. A partir daí faremos considerações sobre o termo e suas características, entre elas a oralidade e a escrita.

O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos, com bem disse Street (1995). (2001, p. 21)

ORALIDADE E ESCRITA: INICIANDO A CONVERSA SOBRE LETRAMENTO

Primeiramente vale ressaltar que oralidade e escrita não são termos dicotômicos, apesar de possuírem características próprias.

De acordo com Marcuschi (2001), “[a]mbas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.” (2001, p. 17)

A fala, como prática oral, é desenvolvida naturalmente a partir do nosso nascimento e, por meio da aprendizagem de uma língua, acontece a inserção social e cultural dos indivíduos. A escrita, considerada representação formal do letramento, é geralmente desenvolvida na escola, porém existem outras agências de letramento, como “o trabalho, a escola, o dia a dia, a família, a vida burocrática, a atividade intelectual.” (MARCUSCHI, 2001, p. 19) A escrita é utilizada em contextos sociais do dia a dia em paralelo com a fala e novas formas de nos relacionarmos com a escrita estão surgindo, como os bate-papos *on-line*.

Marcuschi (2001) traz à tona a questão da supervalorização da escrita e também sobre os sujeitos que são considerados iletrados.

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. (2001, p. 25)

Como já falamos, a escrita é considerada manifestação formal do letramento, mas isso não quer dizer que só a escrita que aprendemos na escola é a correta. Existem outros agentes de letramento que envolvem variadas práticas da escrita. A partir do momento em que um sujeito consegue identificar o valor do dinheiro e reconhecer o ônibus que precisa pegar, ele é considerado letrado, mesmo analfabeto, não lendo jornal diariamente e nem escrevendo cartas, assim também é com aquele indivíduo que escreve romances etc. Como bem disse Marcuschi (2001), “[l]etrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita.” (2001, p. 25)

Conclui-se que o termo iletrado é inapropriado, pois, de acordo com Marcuschi (2001), “mesmo pessoas ditas ‘iletradas’, ou seja, analfabetas, não deixam de estar sob a influência de estratégias da escrita em seu desempenho linguístico, o que torna o uso do termo “iletrado” muito problemático em sociedades com escrita” (2001, p. 20)

LETRAMENTO: CONSIDERAÇÕES

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre “impacto social da escrita” (Kleiman, 1991) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências *individuais* no uso e na prática da escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 15-16)

Como já falamos anteriormente, a escrita é a manifestação formal do letramento. Assim, passou-se a utilizar esse conceito para separar os estudos sobre o impacto social

que o uso da escrita causa dos estudos sobre a alfabetização, considerada como as competências individuais da escrita. Essa última é aquela prática desenvolvida nas séries iniciais para ensinar leitura e escrita às crianças e vem sendo questionada quanto a sua eficácia e separação do letramento durante o processo de aprendizagem.

Acreditamos, junto com Kleiman (1995), que o uso do termo letramento seja mais apropriado, pois quando uma criança entra em uma escola para a alfabetização, ela já traz uma bagagem muito grande das outras agências de letramento existentes (família, igreja). A oralidade, que é um objeto de análise muito recorrente nos estudos sobre letramento, justifica nossa suposição, pois muitas crianças, antes mesmo de alfabetizadas, já apresentam estratégias orais letradas. Segundo Kleiman (1995):

Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz: “Olha o que fada madrinha trouxe hoje!” está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim, ela está participando de um *evento de letramento* (porque já participou de outros, como o de ouvir uma estorinha antes de dormir); também está aprendendo *uma prática discursiva letrada...* (1995, p. 18)

De acordo com a autora, quando uma criança apresenta as características acima, já pode ser considerada letrada, mesmo não sabendo ler e escrever ainda, pois sua oralidade começa a ter as características da oralidade letrada junto à mãe durante o cotidiano. Na citação, percebemos o uso dos termos “práticas de letramento” e “eventos de letramento”. Street (2012) faz considerações sobre o uso desses termos, conforme veremos a seguir:

Penso que o conceito de práticas de letramento é realmente uma tentativa de lidar com os eventos e com os padrões de atividades de letramento, mas para ligá-los a alguma coisa mais ampla de natureza cultural e social. E parte dessa ampliação envolve atentar para o fato de que trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais relativos à natureza da prática e que o fazem funcionar, dando-lhe significado. (2012, p. 76)

O conceito de práticas de letramento engloba os eventos de letramento em uma tentativa de trazer para esses eventos conceitos, significados. Como o autor afirma, o conceito de letramento busca ligar os eventos a algo mais amplo de natureza cultural e social. Uma boa ilustração para esse termo é o exemplo que Kleiman (1995) mostra e

que já citamos: a criança que compreende um adulto quando ele lhe diz “Olha o que fada madrinha trouxe hoje!” está fazendo uma ligação com o gênero escrito conto de fadas. Neste exemplo, a autora disse que essa criança participou de um evento de letramento, assim como de outros, como ouvir estorinha antes de dormir, e aprendeu uma prática discursiva letrada.

Segundo Street (2012), “[p]odemos fotografar eventos de letramento, mas não podemos fotografar práticas de letramento [...]. Temos de começar a conversar com as pessoas, a ouvi-las e a ligar sua experiência imediata de leitura e escrita a outras que elas também façam.” (2012, p. 76). Assim, o exemplo que demos da criança do conto de fadas, pode ser “fotografado”, porém, para que estabeleçamos análises, conceitos, significados, precisamos ir mais longe, gerando uma prática de letramento.

MULTILETRAMENTOS: A FOTOGRAFIA E A PICHÇÃO EM FOCO

Para início de conversa, é necessário explicarmos o que seriam os multiletramentos antes de sugerirmos um projeto que tem a ver com esse termo. Segundo Street (2012):

Cazden e outros do Novo Grupo de Londres/NGL (New London Group 1996) apresentaram a noção de multiletramento em referência não a múltiplos letramentos, associados a culturas diferentes, mas as formas múltiplas de letramento associadas a canais ou modos, como o letramento do computador, o letramento visual. (2012, p. 72-73)

Entendemos que o termo “multiletramentos” sugere variadas formas de letramento, já que esse pode acontecer por meio de diversos canais e modos, como o computador, gêneros textuais etc. A proposta que faremos a seguir envolve multiletramentos, como a fotografia, a internet e, conseqüentemente, o computador, e variados gêneros textuais.

Concordamos com Tinoco (2013, p. 152), no que tange aos projetos de letramento, que se tratam de “uma prática social em que a escrita é utilizada para atingir

algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas).” Assim, o projeto a seguir vai muito além do que trabalhar a escrita com os alunos, ele busca também levá-los a analisarem discursivamente questões que estão ao redor deles e a colocarem em prática o que vão aprender.

Após a leitura do texto “Documentário e Pichação – a escrita na rua como produção multissemiótica”, de Melina Aparecida Custódio, pensamos em produzir um projeto que utilize fotos de pichações da Grande Vitória/ES. A escolha desse tema foi incentivada pela necessidade de levarmos para a sala de aula multiletramentos e gêneros diferentes, assim como temas e imagens que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Longe das culturas valorizadas – das quais a escola é guardiã –, nas ruas, manifestações culturais diversas, frequentemente consideradas como um incômodo ou até mesmo como violência, compõem a rotina de todos aqueles que transitam no espaço urbano, em especial, os jovens. Dessa forma, olhar para a cultura local de uma escola é partir das ruas, das travessas, dos becos que estão em sua órbita. Por isso, como muito comum em São Paulo, a pichação é um tema bastante pertinente às culturas da juventude. (CUSTÓDIO, 2012, p. 201-202).

Segundo a citação, a pichação é comum em São Paulo e faz parte da rotina dos cidadãos. Na Grande Vitória, não é diferente: ao andarmos pelos municípios que a compõem, podemos encontrar diversas pichações que fazem parte do nosso cotidiano. Assim, por que não levarmos para a sala de aula esse tema e estudá-lo de modo aprofundado? É certo que existe preconceito e/ou receio em levar para a escola um tema polêmico cuja prática seja considerada ilegal.

Mesmo assim, precisamos mostrar aos alunos o contexto de produção em que a pichação acontece: engloba o contexto social em que os pichadores estão inseridos e o que os levam a praticarem tal ato. Ao mostrarmos essas características, poderão tirar suas próprias conclusões acerca dessa prática.

Essa perspectiva teórica nos remete a não ignorar a situação em que determinado texto/enunciado (verbal ou não verbal) é/foi produzido [...] pois é o conhecimento do processo de produção dos textos pertencentes a gêneros do discurso que permite ao aluno desenvolver uma postura crítica da leitura, de apreciação e escolha de interpretação dos textos que o circundam. (CUSTÓDIO, 2012, p. 201)

A perspectiva teórica citada acima é a bakhtiniana dos gêneros do discurso. Ela busca analisar o contexto de produção de um enunciado. Deve-se levar em conta, ao analisar um enunciado, “as características dos interlocutores (autor, leitor), do momento histórico, do suporte, dos lugares de produção e de circulação”. (CUSTÓDIO, 2012, p. 201)

Levar em conta a situação de produção dos textos em gêneros emergentes nessa nova conjuntura social, situá-los no mundo, no seu momento histórico, em seus suportes, com seus interlocutores implica trabalhar os significados contextualizados. Esse trabalho, como apontam Moita-Lopes e Rojo (apud Rojo, 2009: 108), recupera a situacionalidade social ou o contexto de produção do enunciado no gênero analisado e, assim, possibilita que os discursos sejam situados em meio ao grande número de informações e discursos que o contexto globalizado faz circular pelas esferas e mídias, e, desse modo, possibilita aos alunos realizarem “escolhas éticas entre discursos”, uma vez que passam a questionar as significações às quais estão expostos. (CUSTÓDIO, 2012, p. 202)

A escolha do gênero fotografia justifica-se pelo fato de ser um gênero muito presente no cotidiano dos alunos. Sabemos que a maioria dos adolescentes possui um celular com câmera e que geralmente gostam de tirar fotos. Assim, procuramos juntar o útil ao agradável para desenvolvermos o projeto. Propomos um projeto para alunos da educação básica, com duração de, aproximadamente, dez aulas de 50 minutos cada. Acreditamos que as duas primeiras aulas servirão para o professor deixar os alunos familiarizados com o tema e, conseqüentemente, com o projeto.

Dessa forma, como meio de contextualizar o tema do projeto, separamos uma reportagem de 09/12/2014, do site *Gazeta Online*, muito visitado pelos moradores da Grande Vitória. A matéria traz o seguinte tema: “Igreja do Rosário é pichada horas depois de ter restauração concluída”. Essa etapa pode acontecer no laboratório de informática da escola. Abaixo, trechos da reportagem:

Gravações de câmeras de vídeos mostram que a ação dos criminosos aconteceu por volta das 23h de sexta. Durante a noite da última sexta (05), degraus e paredes da Igreja do Rosário, no Centro de Vitória, foram pichados por jovens que participavam de um evento de hip-hop, segundo relato de comerciantes e moradores da região. Gravações de câmeras de vídeos

mostram que a ação dos criminosos aconteceu por volta das 23h de sexta; horas depois que a restauração da pintura da escadaria terminou. A pichação causou indignação de quem tem ligação com a história de Vitória. “Isso aí é coisa de vândalo mesmo. É um desrespeito com a história da cidade. Por que ele não vai pichar o muro da casa dele?”, se indigna o aposentado Jorge Pizzani, de 69 anos. [...] Nelce Pizzani, aposentada, é provedora da Irmandade de São Benedito da Igreja do Rosário, que zela pelo patrimônio, e ficou decepcionada com o que viu quando chegou no espaço que frequenta há décadas. “Eu fico muito aborrecida com o desrespeito dessas pessoas com a escadaria que dá acesso à Igreja Nossa Senhora do Rosário, que existe há mais de 200 anos. É a história da nossa cidade. Participo dessa história, e estou muito chateada com essa situação”, desabafou a aposentada, que cuida da instituição desde 1991.

Além de o professor ler a reportagem com os alunos, também é importante mostrar o vídeo do momento em que picharam a escadaria. Após a leitura e visualização do vídeo, é interessante realizar uma análise da reportagem e uma discussão sobre temas, como: o que os alunos acham da pichação, como eles veem os pichadores, quais os motivos que levam a picharem, o que acham sobre as opiniões dos moradores etc.

Custódio (2012), no texto “Documentário e Pichação – a escrita na rua como produção multissemiótica”, sugere a análise do site da revista *Veja*, pois utilizou em sua sequência didática uma reportagem desse *site*. Sugerimos também a análise do site *Gazeta Online*, local em que se encontra a reportagem que selecionamos.

Algumas perguntas podem ser feitas aos alunos quando visualizarem o *site*, segundo Custódio (2012): Qual o foco das imagens? Quais os lugares ocupados pelos *links*, pelas propagandas e pelas notícias? Quais os significados dos *links*, dos títulos das notícias e dos *slogans*? Que imagens da cidade de Vitória esses sentidos delineiam? Finalizada essa etapa, nas próximas aulas, os alunos verão um documentário sobre a pichação na cidade de São Paulo, como proposto por Custódio (2012):

O gênero do discurso em foco nessa sequência didática [doravante SD], é o documentário: composição audiovisual de caráter informativo. Intitulado “A letra e o muro”, o curta tem como tema a pichação na cidade de São Paulo. Trata-se de uma obra de Lucas Fretin, vinculado ao Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da Universidade de São Paulo (LISA-USP), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), do ano de 2002. Portanto, é um discurso da esfera acadêmica. (2012, p. 203)

O documentário descrito acima mostra como é a rotina dos pichadores da cidade de São Paulo. Por meio dele, podemos conhecer um pouco mais os motivos dos pichadores, as condições sociais deles e a situação de produção das pichações. Também nos mostra diversas opiniões de moradores de São Paulo acerca da prática da pichação. Sobre isso podemos observar que existe falta de conhecimento sobre o contexto de produção da pichação, o que, conseqüentemente, gera o preconceito.

Após a visualização do vídeo, é necessária uma análise e discussão sobre ele. “Na análise, o aluno é levado a perceber como os diferentes focos da filmagem e a diferença entre os depoimentos dos dois grupos sociais opostos marcam o conflito pela disputa do espaço urbano.” (CUSTÓDIO, 2012, p. 207) Assim, alguns questionamentos serão feitos aos alunos a fim de levantar a discussão, segundo proposta da autora:

- Que significados a pichação tem para os seus praticantes?
- Como os pichadores justificam sua prática? Você concorda com essas justificativas?
- No início do vídeo, temos um estilo de música que geralmente também é apreciado pelos pichadores? Que estilo é esse?

Além de tais perguntas, os alunos podem ser levados a comparar a reportagem e o vídeo estudados na aula anterior, assim como as respostas que deram aos questionamentos, com o documentário e as perguntas da atual aula. Aqui é interessante propor uma produção escrita sobre o tema. Os alunos utilizarão todo o material trabalhado e as discussões realizadas até o momento e também argumentarão sobre “a questão da criminalização da pichação e a comparação do percurso do grafite com o da pichação: ambos se enraízam no movimento cultural hip-hop, mas apenas o grafite, no passado julgado como ato ilícito também, é hoje considerado arte.” (CUSTÓDIO, 2012, p. 206)

Depois dessa etapa, os alunos se ocuparão da parte prática do projeto. O professor precisa explicar como tudo acontecerá. Primeiramente, os alunos se dividirão em grupos e definirão em qual município ou bairro realizarão a pesquisa. Feito isso,

receberão um prazo para fotografar as pichações no município ou bairro que escolheram.

Conforme os grupos trouxerem as fotografias, o professor os auxiliará a compreendê-las, focando na análise discursiva delas. O que o professor e/ou alunos não souberem interpretar, pesquisas terão que ser feitas por todos para que as dúvidas se esclareçam. Quando os grupos terminarem de fotografar, o projeto continuará na sala de aula.

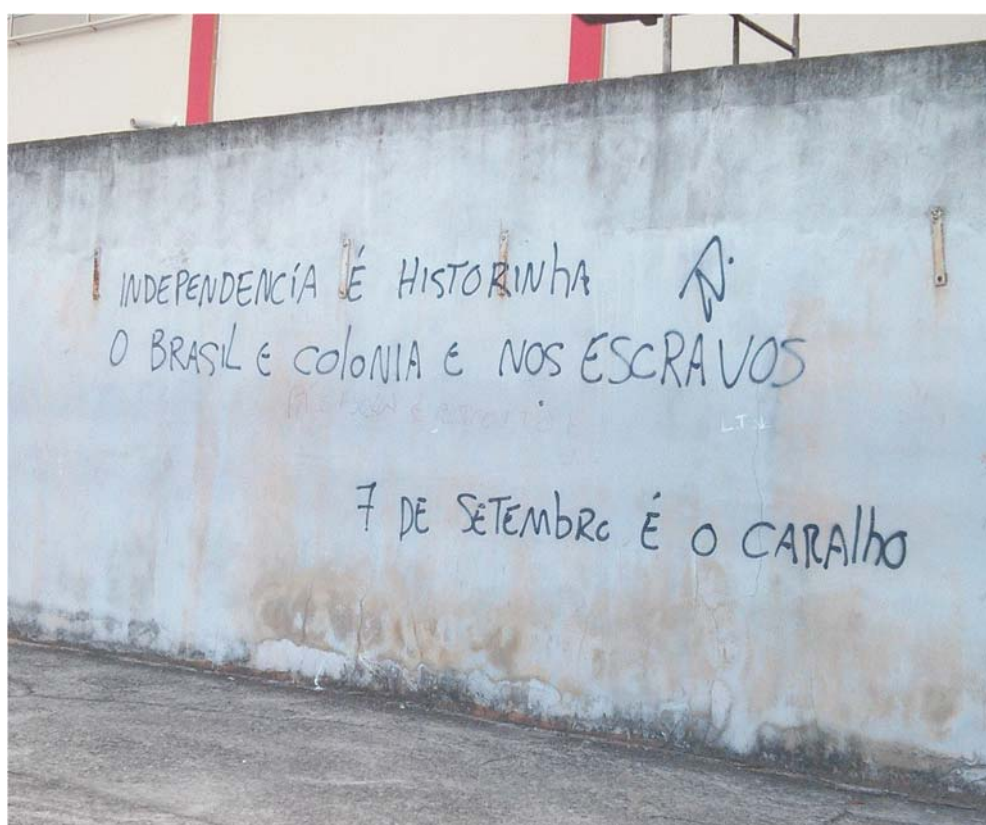
O professor, com os alunos, fará as análises das fotografias restantes, assim como possíveis pesquisas. Os grupos terão de montar uma exposição de suas fotografias com as respectivas análises, utilizando papel cenário, por exemplo, e as fotos impressas ou reveladas.

Para exposição das fotografias de todos os grupos, haverá uma apresentação na sala de aula e depois na escola. É interessante que as produções fiquem expostas por um tempo em mural na escola. A exposição dos trabalhos para a comunidade escolar é de suma importância para os alunos, pois se sentem reconhecidos e valorizados.

Esse projeto é maleável. Cabe ao professor definir quantas aulas serão necessárias para cada etapa. Também é ele quem vai decidir como se dará a avaliação do projeto. A forma como as fotografias serão analisadas e expostas também se pode modificar.

Para ilustrarmos a parte prática do projeto fotografamos algumas pichações em muros do município de Serra:





Todas as imagens acima são do município de Serra/ES. A primeira imagem é de um muro localizado no bairro Carapina, a segunda e a última do muro da escola “Maria Olinda de Oliveira Menezes”, e a terceira imagem do muro do colégio “Francisco Alves Mendes”. Essas escolas ficam no bairro Cidade Continental.

Quando os alunos forem tirar e analisar suas fotografias, é desejável que levem em conta o local em que as fotos foram tiradas. No nosso caso, escolhemos tirar a maioria das fotos de pichações em muros de escolas, mas existem outros lugares interessantes para tal prática. Outro fator importante é analisar cada fotografia tirada, envolvendo o contexto de produção das pichações, como a questão histórica e social.

Fazendo uma breve análise das fotografias que tiramos, podemos perceber que a primeira imagem traz à tona a Copa do Mundo que aconteceu no Brasil em 2014. Na frase “Despejado não grita gol”, notamos que existe uma forte crítica à Copa por ter acontecido no Brasil, pois sabemos que muito dinheiro foi gasto com estádios, infraestrutura etc., quando ainda há pessoas morando nas ruas e aquelas despejadas de seus lares por não terem como pagar o aluguel.

A segunda imagem nos mostra um código utilizado pelos pichadores. No caso, os alunos e o professor precisariam pesquisar mais sobre os códigos. A terceira imagem traz uma sequência de frases. A primeira não é muito visível, mas podemos perceber que se trata de uma rima com as palavras “Educação” e “Corrupção”. A segunda frase “Povo passivo, Corrupção ativa” remete ao fato da população muitas vezes ser passiva perante assuntos como corrupção etc. A terceira “Revoltar-se é justo” traz à tona a questão da motivação das pessoas se revoltarem.

Na última foto, notamos a grande ligação da frase “Independência é historinha. O Brasil é colônia e nós escravos” com a história do Brasil, ainda mais porque a fotografia ainda traz outra frase “7 de Setembro é o caralho”. Essa análise das fotografias pode abordar outras questões, como ortografia, coesão, coerência, morfologia, sintaxe etc., porém, o objetivo principal é a análise discursiva das imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, procuramos focalizar a questão do letramento, assim como seus desdobramentos, por exemplo, os multiletramentos. Sabe-se que este assunto ainda precisa de mais discussão, além de ser colocado em prática nas escolas. A questão da

alfabetização também necessita de mais atenção acerca de ser percebida junto com o letramento.

Acreditamos que levar para sala de aula multiletramentos é imprescindível, pois hoje os alunos precisam conhecer e utilizar novas formas de aprender, assim como assuntos que fazem parte do cotidiano deles. Sabemos que a pichação é um tema polêmico e que gera diferentes opiniões e pontos de vista, mas, sem dúvida, precisa ser levado para a escola.

Custódio (2012) cita Bakhtin para exemplificar essa questão: “O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.” (2012, p. 271)

O aluno precisa conhecer diferentes temas para que possa desenvolver seu próprio ponto de vista sobre eles. Procuramos propor um projeto que alie tal circunstância à fotografia, pois é uma forma dos alunos utilizarem aquilo que estão acostumados, o celular, mais especificamente a câmera deles. Assim, além de despertarmos o interesse para o tema, os ensinaremos a analisarem discursivamente o que está ao redor deles.

REFERÊNCIAS

CUSTÓDIO, M. A. “Documentário e Pichação: A escrita na rua como produção multissemiótica”. In: ROJO, R.; MOURA E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FRETIN, Lucas. “A letra e o muro”. Documentário disponível em: <<http://www.lisa.usp.br/producao/paginasvideos/aletraecomuro.html>>. Acesso em: 20 Nov. 2014

KLEIMAN A. B. “Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. In: KLEIMAN, A. B. (Org). *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. “Oralidade e Letramento”. In: *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

VERLI, Caique. “Igreja do Rosário é pichada horas depois de ter restauração concluída”
Reportagem disponível em:

<http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2014/12/noticias/cidades/1503574-igreja-do-rosario-e-pichada-horas-depois-de-ter-restauracao-concluida.html>. Acesso em: 9 Dez. 2014

STREET, Brian. “Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento”. In: MAGALHÃES, I. *Discursos e Práticas de Letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

TINOCO, G. A. “Usos sociais da escrita + Projetos de Letramento = ressignificação do ensino de Língua Portuguesa”. In: GONÇALVES, A. V.; BAZARIM M. (Orgs.). *Interação, gêneros e letramento: A (re)escrita em foco*. 2. Ed. São Paulo: Pontes, 2013.

Recebido em 02 de agosto de 2015

Aceito em 24 de agosto de 2015

Como citar este artigo:

SÁ, Juliane Nogueira de. “Fotografia e pichação: multiletramentos na educação básica”. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.299-313. Disponível em: <<http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num21/dossie/Palimpsesto21dossie05.pdf>>. Acesso em: dd. mm. aaaa. ISSN: 1809-3507